

CULTURA

Etcetera
pág. 49Salão Erótico de Lisboa Abre depois de
amanhã e decorre até ao próximo domingo

Clássica

CONTRA ESQUECIMENTO
da arte de Guilhermina Suggia

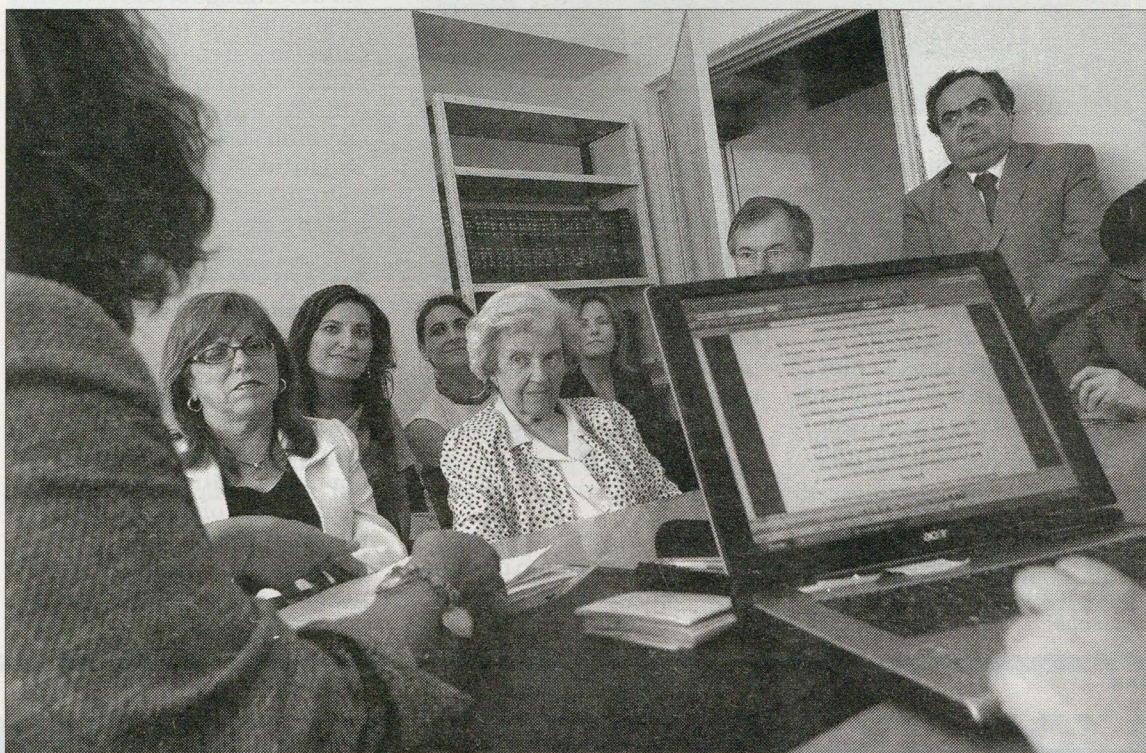
III ★ Associação criada ontem, dia do 120.º aniversário do nascimento da artista, no Porto, pretende divulgar espólio da intérprete e criar casa-museu III ★ Entre os fundadores, estão Madalena Sá e Costa e Mário Cláudio

Emanuel Carneiro

Guilhermina Suggia nasceu a 27 de Junho de 1885. A associação homónima é 120 anos mais nova. Foi constituída ontem, no Porto, mercê da vontade de 14 pessoas seduzidas pela arte da violoncelista portuense.

“É uma figura muito grande e está praticamente esquecida em Portugal”, salienta Virgílio Marques, principal dinamizador da Associação Guilhermina Suggia. Não se estranha, por isso, que, entre os objectivos da nova estrutura, tenha particular relevância “o estudo e divulgação do espólio da intérprete, bem como a criação de uma casa-museu”.

A tarefa de promover a música de Guilhermina Suggia não se cinge a Portugal – “por exemplo, vamos apostar em



Madalena Sá e Costa (ao centro, na foto) é uma das fundadoras da Associação Guilhermina Suggia

Divulgação da obra de Guilhermina Suggia passa pelo estabelecimento de parcerias

Inglaterra, onde ela está ainda muito presente” – nem pretende ser uma empreitada solitária, pelo que a associação “pretende estabelecer parcerias”, revela Virgílio Marques.

Aliás, o aparecimento da entidade coincide com a intenção – tornada pública recentemente – de que seja confiada à Casa da Música, no Porto, a guarda do mais famoso violoncelo da artista, um Montagnana, construído em Itália, no século XVIII, avaliado em cerca de três milhões de euros.

Madalena Sá e Costa é um dos membros fundadores, condição extensível a, entre outros, Mário Cláudio, Fátima Pombo, Manuel Dias da Fonseca, Sofia Lourenço, Hélder Sampaio, Inês Lourenço, Paula Almeida ou Isabel Millet.

Mas Madalena Sá e Costa foi também aluna de Guilhermina Suggia, de quem “nunca mais esqueceu a forma de to-

Biografia:

DE CRIANÇA-PRODÍGIO A VEDETA EUROPEIA

■■■ Nascida a 27 de Junho de 1885, no Porto, numa família de classe média apaixonada pela música – o pai era violoncelista e a irmã mais velha pianista – Guilhermina Suggia começou a tocar violoncelo aos cinco anos. Criança-prodígio, ganhou fama na cidade e estudou algum tempo com Pablo Casals, antes de obter, aos 16 anos, uma bolsa de estudo para o Conservatório de Leipzig, onde estudaria com Julius Klengel. Graduou-se em 1903 e passou os anos seguintes a actuar por toda a Europa, até que se estabeleceu em Paris, em 1906, com Casals. Passam a viver como marido e mulher, embora nunca se



car. Ela tinha uma dimensão única”, afirma.

“Antes de se tornar minha professora, vi-a actuar muitas vezes, com os meus pais”, relembra. Não esquece, igualmente, “os ensinamentos” da violoncelista, os quais Madalena Sá e Costa, por sua vez, transmitiu aos seus alunos. “Tudo que ela comunicou vai passando, directa ou indirectamente, para músicos ou discípulos como Paula Almeida, Paulo Gaio Lima, Gisela Ne-

tivessem casado, e acabaram por se separar em 1913. No ano seguinte, Suggia trocou Paris por Londres, onde a sua reputação cresceu rapidamente. No início da década de 20, era uma figura prestigiada da cena musical britânica, continuando também a tocar em Portugal e em Espanha. Em 1923, Augustus John pintou o seu célebre retrato, patente na londrina Tate Gallery. Em 1927, casou-se com José Carteador Mena e iniciou uma vida dividida entre Porto e Londres. Ao longo dos anos 30, continuou a tocar e a participar em concertos difundidos pela BBC. A II Guerra Mundial reteve-a em Portugal, onde se dedicou, sobretudo, ao ensino. Suggia morreu no Porto, a 30 de Julho de 1950.

ves ou José Augusto Pereira de Sousa”.

Figura mítica

Mário Cláudio escreveu “Guilhermina”, livro baseado na vida e obra da companheira de

Pablo Casals. “Fascinou-me tanto a figura humana, o lado mais rebelde dela, como a carreira artística. O fogo que colocava no seu quotidiano, nomeadamente nas relações amorosas, e a sua capacidade como intérprete”.

Além disso, o escritor conhece “bem” diversos lugares aos quais a violoncelista esteve ligada, em Inglaterra. Aliás, a sua presença no país mereceu, por exemplo, “referências nos diários de Virginia Woolf; na obra do criador de James Bond, Ian Fleming, cuja irmã foi aluna de Guilhermina Suggia; frequentou o Palácio de Buckingham, enfim, foi uma figura muito ligada à alta sociedade britânica”.

Para o autor de “Ursa maior”, a intérprete portuense foi “o produto de uma época. Encarnou a loucura dos anos 20, o período da grande revelação da sua personalidade. Até pela maneira de vestir – origi-

A violoncelista foi referida nos diários de Virginia Woolf e na obra de Ian Fleming

nal, excêntrica mesmo, inclusive, em termos internacionais –, revelou-se uma figura mítica, uma diva caprichosa, muito insinuante”, acrescenta.

De qualquer forma, o impacto extramuros não tinha repercussões na vida da intérprete em Portugal: “No Porto, ela assumia comportamentos mais discretos, refugiava-se numa modestia pouco habitual nela, devido ao ambiente muito conservador, rotineiro...”

Fátima Pombo aceita ser encarada como “biógrafa” de Guilhermina Suggia, estatuto para o qual contribuiu a admiração pelo facto de a violoncelista “ter demonstrado, à época, enorme audácia e coragem em fazer prevalecer a vontade de vincar o seu mérito enquanto música e mulher”.

“Tinha um temperamento compatível com o talento”, realça. “Ao contrário do que aconteceu em Portugal, ela foi aceite em sociedades mais esclarecidas, como a francesa e a inglesa”.